



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14724 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

INTERSECÇÃO: GÊNERO, RAÇA E TRABALHO DOCENTE

Karine de Assis Oliveira Soares - IFG- Instituto Federal de Goiás

Flomar A. Oliveira Chagas - INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS - IFG

Agência e/ou Instituição Financiadora: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (Fapeg)

INTERSECÇÃO: GÊNERO, RAÇA E TRABALHO DOCENTE

Introdução

Esta pesquisa de abordagem qualitativa em nível de doutorado, tem como objetivo compreender como se manifestam os efeitos da relação entre trabalho docente, gênero e raça na carreira das professoras de Ciências da Natureza (Biologia, Física e Química) da cidade de Jataí/GO, no sentido da qualidade da educação. Este recorte se faz devido ao apagamento histórico das mulheres no campo científico. O trabalho docente feminino, estando ainda mais precarizado devido à relação entre gênero e raça, mobiliza-nos à seguinte dúvida: e o caso das professoras das áreas de Ciências da Natureza? De acordo com o relatório da Unesco de 2018, sobre a presença das mulheres na Ciência, apenas 28% dos pesquisadores nessa área são mulheres, “apenas 17 receberam o Prêmio Nobel de Física, Química ou Medicina desde Marie Curie, em 1903, em comparação a 572 homens” (Tokarnia, 2018, n.p).

A abordagem adotada é a interseccionalidade, considerando sua potencialidade para compreensão das opressões enfrentadas por docentes mulheres. Entre os objetivos específicos, propomos identificar os desafios da profissão docente enfrentados pelas professoras da área de Ciências da Natureza, no contexto do sistema-mundo-patriarcal-capitalista-colonial-moderno mediante entrevista com as participantes da pesquisa, para responder ao seguinte

problema de pesquisa: Como se manifestam os efeitos da relação entre trabalho docente, gênero e raça na carreira das professoras de Ciências da Natureza da cidade de Jataí/GO, no sentido da qualidade da educação?

A interseccionalidade é uma importante ferramenta analítica que vem ganhando espaço nas pesquisas brasileiras nos últimos anos, mas que já existe como movimento de resistência a um longo tempo. O termo surge pela primeira vez com a professora e advogada norte-americana Kimberle Crenshaw (1991), especialista nos estudos de raça e gênero. Em suma, a interseccionalidade é uma abordagem que considera a colisão de opressões de raça, de classe e de gênero que se encontram interligadas (Akotirene, 2021). É uma ferramenta analítica que retira da invisibilidade os grupos historicamente subalternizados e privados de direitos.

Serão tomadas medidas necessárias que garantam a liberdade de participação, a integridade das participantes da pesquisa e a preservação dos dados, bem como o sigilo e privacidade das informações a serem coletadas de forma que as participantes não serão identificadas. O protocolo de coleta de dados da investigação foi aprovada junto ao Comitê de Ética sob o código 6.110.697, atendendo as Resoluções CNS 466/2012 e CNS 510/2016.

A metodologia utilizada será a pesquisa narrativa. Optamos por esse tipo de pesquisa por nos permitir dar maior ênfase na experiência, tanto das pesquisadoras quanto das pesquisadas, entrelaçada na teoria escolhida (Vilela; Borrego; Azevedo, 2022).

Além de mulheres, trabalhadores, e por vezes mães, a vida das professoras também é atravessada pela raça. A raça é uma categoria da modernidade/colonialidade (Quijano, 2005) que utilizada para classificação dos povos não europeus, no período da colonização.

A escola pública brasileira, inserida num “sistema-mundo-patriarcal-colonial-capitalista-moderno” (Grosfoguel, 2008, p. 118), a partir de 2016 na ocasião do Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, foi assolada por ideias conservadoras neoliberais que acabaram afetando o trabalho docente. Os efeitos disso são os vários ataques que as/os profissionais da educação sofrem diariamente via internet, nas mídias, provocados por governantes e pela sociedade civil.

Numa sociedade marcada pelo patriarcalismo, pelo racismo e pelas diferenças de classe, as experiências docentes possuem especificidades próprias para homens e para mulheres. Conforme Carvalho (1996, p. 79), o próprio modelo de “profissional e de proletário, aparentemente neutros, são masculinos”. As mulheres professoras são avaliadas a partir desses padrões, e suas vidas públicas e privadas são constantemente confundidas. Uma vez que a atividade profissional é feminilizada, ela passa a ser menos valorizada e precarizada, conforme aos valores sociais do patriarcado.

Desenvolvimento

Por meio desta pesquisa buscará construir conhecimento sobre a trajetória profissional das professoras das áreas de Biologia, Física e Química para pensar a docência e seus atravessamentos, bem como as formas de controle e poder produzidos pela modernidade/colonialidade na América. Ao optarmos pela interseccionalidade como recurso teórico-metodológico de pesquisa na investigação sobre o trabalho docente, estamos considerando a estrutura heterogênea da hegemonia.

O percurso da pesquisa é constituído de X etapas. A primeira etapa, já concluída, diz respeito ao levantamento do número de professoras com formação nas áreas de Biologia, Física e Química, vinculadas à rede estadual de ensino da cidade de Jataí e que atuam no Ensino Médio, verificamos a existência de doze mulheres das nove escolas de Jataí. É importante destacar que esse número pode variar considerando que existe rotatividade de professoras na rede estadual, considerando também que o número de trabalhadoras em regime de contrato temporário é superior ao número de professoras efetivas.

Na segunda etapa foi estabelecido contato com as professoras, ora feito presencialmente, ora feito por telefone conforme era disponibilizado pelas/os gestores das escolas, com o objetivo de apresentar a pesquisa e convidá-las para participarem. Para as professoras que aceitaram o convite foi disponibilizado para leitura e assinatura o Termo de Consentimento Livre Esclarecido/TCLE e a solicitação de preenchimento de um formulário sociocultural e formativo.

A terceira etapa diz respeito a realização das entrevistas semiestruturadas. Os pontos abordados dizem respeito a quatro principais eixos: trajetórias formativas, mulheres na ciência, trajetórias de atuação na docência, maternidade e docência, e o racismo. Até o momento foram realizadas cinco entrevistas.

Os dados parciais, coletados durante as entrevistas com as professoras, tem sido importantes para dar voz a essas mulheres que relatam seus múltiplos atravessamentos de gênero, raça e trabalho. Em suas narrativas algumas manifestações dos efeitos das relações de gênero, raça e classe puderam ser constatados. Dentre eles destacamos: desafios de conciliação entre o trabalho docente e a maternidade, percursos formativos marcados pelo sexismo científico reproduzidos por do gênero masculino, desafios para a permanência nas universidades em que se formaram, a presença do racismo dentro das instituições de ensino que é identificados por professoras brancas e não brancas.

Conclusões

Os resultados deste estudo serão divulgados às participantes da pesquisa por meio da disponibilização do texto elaborado pela pesquisadora, possibilitando a cada uma ter conhecimento do que foi elaborado a partir da fala delas. Até o momento, foi possível verificar que existem múltiplos atravessamentos de gênero, raça e classe que marcam as

trajetórias das professoras entrevistadas, e que a dinâmica das entrevistas tem sido importante para que as participantes reflitam sobre suas próprias histórias recordando memórias de resistências que as fazem permanecer na docência.

Esperamos que, ao final desse trabalho investigativo, seja possível compreender os impactos do sexismo, racismo e precarização do trabalho docente das mulheres, na qualidade da educação, e pensar em possibilidades de enfrentamento coletivo.

Palavras-Chave: Interseccionalidade. Ciências da Natureza. Ensino Médio.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

CARVALHO, Maria Pinto de. Trabalho docente e relações de gênero: algumas indagações. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], n. 2, p. 77-84, mai./jun./jul./ago., 1996.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Williams. **Mapping the Margins**: intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Review*, Palo Alto, v. 43 n. 6, p. 1241-1299, 1991.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [s. l.], n. 80, p. 115-147, mar. 2008.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialismo do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: Perspectivas Latinas Americanas, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em 8. abr. 2023.

TOKARNIA, Mariana. Estudo da Unesco mostra que mulheres são minoria nas ciências. **Agência Brasil**, [s. l.], jul. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2018-07/mulheres-sao-minoria-nas-ciencias-diz-pesquisadora-da-unesco>. Acesso em: 8, abr. 2023.

VILELA, Elaine Gomes; BORREGO, Cristhiane Lopes; AZEVEDO, Adriana Barroso de. PESQUISA NARRATIVA: uma proposta metodológica a partir da experiência. **Revista de Estudos Aplicados em Educação**, [S.L.], v. 6, n. 12, p. 75-85, 4, maio, 2022. Spyer Dulci, Tereza Maria; Rocha Malheiros, Mariana. Um giro decolonial à metodologia científica: apontamentos epistemológicos para metodologias desde e para a América Latina. **Revista Espirales**, edição especial, p. 174–193, jan, 2021.